

Trajétórias, experiências de trabalho e práticas de deslocamento entre os assalariados do café em um município de Minas Gerais – um olhar a partir da experiência em um abrigo de trabalhadores

Roberta Brandão Novaes¹

Resumo

O objetivo desta pesquisa, que deu origem à minha dissertação de mestrado, foi investigar as trajetórias, as experiências de trabalho e as práticas de deslocamento dos trabalhadores contratados temporariamente para as diversas etapas da produção do café, sobretudo para a colheita, em um município localizado na região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais. O trabalho de campo etnográfico, a observação participante e a realização de entrevistas gravadas e informais a partir de um roteiro constituíram as principais estratégias metodológicas da pesquisa. Os trabalhadores do café foram acompanhados em dois espaços: em um bairro de trabalhadores, onde residia boa parte daqueles que haviam se mudado em definitivo para a cidade, e em um abrigo construído pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais para abrigar aqueles que iam à cidade à procura de trabalho no período da safra. O artigo ora apresentado dará ênfase à análise derivada da minha experiência no abrigo do Sindicato.

Palavras-chave

Experiências de trabalho; Produção de café; Minas Gerais

Trajectories, labor experiences and migration between land workers of coffee in Minas Gerais

Abstract

The objective of this research was to investigate the trajectories, labor experiences and migration between land workers in a city located in the Alto Paranaíba, Minas Gerais. Ethnograph and interviews constituted the most important research

methods. The land workers were observed in two different places: in a neighborhood, where almost of them who moved to Esmeralda lived, and in a refuge builded by trade union to house the people who goes to the city to look for a job. The article presented here will emphasize the analysis derived from my experience in the refuge of the trade union.

Keywords

Labor experiences; Workers of coffee, Minas Gerais (Brazil).

Apresentação

O objetivo desta pesquisa, que deu origem à minha dissertação de mestrado, foi investigar as trajetórias, as experiências de trabalho e as práticas de deslocamento dos trabalhadores contratados temporariamente para as diversas etapas da produção do café, no ano de 2008, em um município localizado na região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais, o qual nesse artigo chamarei de Esmeralda. Este tema se justifica pela importância da realização de novos estudos sobre os trabalhadores temporários e sua inserção na moderna (e cada vez mais mecanizada) agricultura de larga escala, desvendando suas especificidades e contribuindo para o seu entendimento. A investigação das múltiplas faces desse modelo produtivo se faz necessária para entender como as condições de trabalho e vida de cada um dos diferentes atores e as relações entre os mesmos se tecem em torno do que no vocabulário corrente têm-se definido como agronegócio. O trabalho de campo etnográfico, a observação participante e a realização de entrevistas gravadas e informais a partir de um roteiro constituíram as principais estratégias metodológicas da pesquisa.

Os trabalhadores do café foram acompanhados em dois espaços, especialmente: em um bairro de trabalhadores, onde residia boa parte daqueles que haviam se mudado em definitivo para a cidade, e em um abrigo construído pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais para abrigar aqueles que iam à cidade à procura de trabalho no período da safra. O artigo ora apresentado dará ênfase à análise derivada da minha experiência no abrigo do Sindicato. Os nomes de todas as pessoas mencionadas neste texto são fictícios.

O universo da pesquisa

Esse negócio de a gente vir pra cá é muito sofrimento demais (...). O café você pode esquecer, é só ilusão. O patrão não te dá valor (...). Tem dois anos que eu saí da minha cidade. Só trabalhando... E enchendo a barriga de fazendeiro. Eles deixam a gente mais pobre e ficam cada vez mais ricos. (...) A vida da gente vira uma ilusão... Atrás de dinheiro e nunca conseguimos aquilo que a gente quer. (Viriato)

A fala acima reproduzida foi proferida por um migrante paranaense que estava há dois anos fora de sua cidade, longe de sua casa e de sua família. Durante todo esse tempo ele esteve viajando pelo Brasil em busca de trabalho nas mais diversas lavouras, como soja, cana, laranja e café. Sua trajetória e a maneira como a percebe são bastante ilustrativas das histórias que me foram contadas pelos trabalhadores os quais conheci no abrigo ou albergue, como costumavam chamá-lo.

Como a colheita de café em Esmeralda atrai um elevado contingente de mão de obra, o abrigo, localizado no entorno da rodoviária, foi construído pelo sindicato dos trabalhadores rurais aproximadamente há 15 anos para abrigar os que vão à cidade à procura de emprego. Há alguns anos, o local passou a ser gerido pela prefeitura, pois o sindicato não tem recursos para mantê-lo.

O abrigo funciona durante o ano inteiro, todos os dias da semana. Abre às 18 horas, horário a partir do qual chegam os viajantes que ali desejam pernoitar, até às 22 horas, quando se encerra a recepção. Às 6 horas da manhã seguinte, após servirem-se de pão e café, todos devem sair. Em tese, pode-se dormir três noites consecutivas por mês no abrigo, mas Igor, o zelador, sempre abre exceções para os mais idosos ou para aqueles que não lhe criam problemas.

O zelador não deixa os alojados entrarem para os quartos antes de tomarem banho e de serem cadastrados por sua mulher, Andréia. Na sala onde é feito este cadastro, Igor instalou uma portinhola de madeira de aproximadamente um metro de altura para impedir a entrada de “estranhos”. Seu objetivo é preservar sua esposa, pois acredita que “nunca se sabe quem é essa gente que anda pelo mundo e não pode deixar misturar com a família da gente”. Esta atitude reflete a opinião corrente em relação a esses trabalhadores: são potencialmente perigosos, uma gente “de fora”, sobre as quais não se tem referências.

Enquanto Andréia preenche uma ficha com dados referentes à identidade dos trabalhadores, Igor revista suas bolsas e malas, à procura de facas, facões e canivetes. Quando encontra esses objetos, ele os guarda e só os devolve aos seus donos na ma-

nhã do outro dia, quando saem novamente em busca de emprego. Esse procedimento de revista é realizado todas as noites, ainda que sejam os mesmos hospedados.

Após serem cadastrados e revistados, os trabalhadores podem tomar banho e jantar. Invariavelmente, é servida uma sopa cujos ingredientes são macarrão, batata, cenoura, muita pimenta e às vezes, uma carne. Todas as tardes, aproximadamente às 18 horas, um funcionário municipal leva em um automóvel os imensos vasilhames com a refeição preparada por merendeiras da prefeitura. Quando a sopa não é suficiente para a quantidade de trabalhadores presentes, Igor serve pão e café aos que chegam por último.

Aos finais de semana, embora permaneça aberto, não há jantar para os trabalhadores no abrigo. Depois de alimentarem-se e de banharem-se, os viajantes alojados costumam assistir televisão ou ficam conversando e fumando. Por causa do dia cansativo que passam nas ruas, percorrendo os escritórios das fazendas em busca de trabalho ou em pé na rodoviária à espera de algum gato ou fazendeiro que os chamem para trabalhar, todos costumam deitar-se até às 21 horas. Após esse horário, poucos permanecem fora dos dormitórios.

Ao longo do segundo mês de trabalho de campo, momento no qual foquei minha observação no abrigo, percebi uma grande oscilação na quantidade de trabalhadores que o procurava. Se em uma semana o abrigo estava lotado, na outra poderia ficar quase vazio.

Eu freqüentava o abrigo entre segunda e sexta-feira, pois aos sábados e domingos era mais difícil encontrar trabalhadores no local, por não haver jantar e por serem noites que os trabalhadores tiravam para se divertir, indo aos bares e saindo com prostitutas.

Eu chegava quase sempre às 18 horas e 30 minutos e tocava a campainha. Igor gentilmente abria o portão e nós sempre conversávamos um pouco. Após nossa conversa inicial, Igor sempre pedia que eu fosse cumprimentar sua mulher. Eu ia até sua casa, tomava um café com Andréia, assistíamos um pouco de uma novela. Ela também costumava queixar-se dos trabalhadores que apareciam bêbados no abrigo e contava sobre o cotidiano de seus filhos: que os mais velhos estavam muito levados e o bebê havia estado doente, coisas assim. Depois disso, eu retornava ao pátio para conversar com os trabalhadores alojados.

Fui levada para conhecer o abrigo por Giovana, a advogada do sindicato dos trabalhadores. No dia seguinte à primeira visita, voltei sozinha para entrevistar Igor. Ele não quis dizer nada sem autorização de seu “chefe”, que em breve descobri ser seu próprio irmão. Eu insisti argumentando que não o prejudicaria e que gostaria

apenas de conhecer sua trajetória pessoal. Ainda assim ele negou-se a conceder-me a entrevista. O zelador ligou para o seu irmão, que depois do telefonema, foi até o abrigo para conhecer-me. Ele pediu que eu o acompanhasse até a rodoviária, onde fica a sala do Centro de Triagem do Migrante, local onde passa boa parte do tempo.

José Reinaldo é funcionário da prefeitura e há dez anos está alocado na Secretaria de Ação Social da prefeitura. Ele falou longamente sobre o fato de ser ex-drogado e ex-alcoolatra, sobre o alcoolismo entre os trabalhadores e sobre o “carinho” e o “respeito” com que trata aqueles que chegam à Esmeralda à procura de trabalho. Em seguida, ele mostrou-me um grande número de fotografias tiradas dos trabalhadores que ficam deitados pelas ruas ou embriagados, definindo-os como “problemáticos”, afirmando que “eles vêm só para beber pinga”. José Reinaldo sempre revê as fotos para conferir se algum desses trabalhadores está novamente pela cidade.

Em virtude da tentativa de controlar-me por parte de José Reinaldo, que orientou o irmão a não gravar entrevistas comigo, optei por não insistir com o gravador nas minhas conversas com Igor, de forma que todas as informações que possuo em relação a ele foram colhidas de maneira informal, nos nossos diálogos cotidianos. Igor tem 50 anos, nasceu em Guimarães, mas reside em Esmeralda há muito tempo. Separou-se de sua companheira do primeiro casamento, com quem teve quatro filhos, que lhes deram cinco netos. Andréia, sua atual mulher, tem 33 anos e é esmeraldense. Este casal tem um bebê de quatro meses, uma menina de 6 anos e um garoto de 10. Antes de trabalhar no abrigo, o zelador e sua esposa eram trabalhadores rurais. Segundo me contou, Igor era um excelente apanhador de café e já chegou a colher 120 sacas em um só dia. Com o dinheiro acumulado das safras, ele construiu uma casa no bairro Via Férrea, que está alugada. Sua mãe vive na parte de trás desse terreno.

Os trabalhadores, seus relatos e trajetórias

Um desafio da minha vivência no abrigo era conseguir aproximar-me dos trabalhadores sem ser identificada como funcionária da Secretaria de Ação Social ou do sindicato. No início, houve certa dificuldade, pois sempre que chegava ao abrigo, Igor me convidava para ir a sua casa tomar um café e conversar, o que era percebido pelos trabalhadores como um sinal de que provavelmente eu estaria ligada a alguma daquelas instituições. E embora os trabalhadores não o tivessem em mau juízo como tinham a seu irmão, o zelador não deixava de ser um agente da prefeitura, representando autoridade e poder sobre eles.

Nas primeiras vezes em que estive no abrigo, Igor, ao perceber que eu não sabia como me aproximar dos trabalhadores, pedia a atenção de todos e me apresentava como pesquisadora do Rio de Janeiro, dizendo que eu queria entrevistá-los. Estas primeiras situações foram muito embaraçosas, pois na intenção de me ajudar, ele desligava a televisão a qual os trabalhadores assistiam e interrompia outras atividades que porventura os distraísse. Como era visível o constrangimento de alguns em função destas circunstâncias, as primeiras entrevistas não fluíram bem. Decidi então guardar o gravador e me aproximar de maneira mais informal.

Foi dessa forma que me aproximei de Sérgio, quando ele decidiu desabafar sobre os problemas que enfrentava. Este trabalhador havia sido surrado na rodoviária durante a noite e teve todos os seus documentos roubados, inclusive um álbum com as fotos de seus três filhos que moram com sua ex-mulher em Campos Altos. Ele havia ido a Esmeralda colher café, e também trabalha como tratorista. Nasceu em Guimarães e conhecia Igor da sua cidade. Sérgio já havia dormido três noites no abrigo, mas o zelador o deixou passar mais uma, enfatizando que estava abrindo uma exceção. O trabalhador tinha apenas a roupa do corpo, que estava bem suja. Igor lhe deu calça, cueca e blusa para trocar após o banho e disse: “Você é trabalhador, não tem que tá passando por isso, não”. Esse apanhado de café pretendia ir à Secretaria de Ação Social pedir uma passagem de ônibus para visitar seus filhos.

Ao contar-me sobre a difícil situação pela qual passava, o trabalhador agredido mostrou-me as mãos: “Olha, moça, sou trabalhador, pode ver”. Este era um ato freqüente entre meus entrevistados, sobretudo os que conheci no abrigo. Eles também costumavam mostrar-me seus documentos, em especial a carteira de trabalho, e fotos de suas famílias.

Nessa mesma noite, José Reinaldo apareceu no abrigo, pois durante à tarde, quando conversamos na rodoviária, eu comentei que iria àquele local para gravar algumas entrevistas. O funcionário da prefeitura sentou-se próximo a mim e ficou observando meu diálogo com Sérgio, o que havia sido roubado. José Reinaldo disse que seria bom mesmo que eu o entrevistasse e sugeriu que eu lhe perguntasse por que ele bebia cachaça.

Algumas vezes, Igor me indicava alguns trabalhadores para entrevistar. Geralmente isso acontecia com os trabalhadores que representavam um modelo ideal de trabalhador – esforçados, disciplinados – ou aqueles que eram o “oposto”, que chegavam bem alcoolizados ao abrigo, se metiam em confusões. O zelador lhes pedia que conversassem comigo e me contassem por que bebiam tanto.

Certa noite, Igor pediu que eu entrevistasse Eduardo, um paranaense de 65 anos, que trabalha há 13 anos nos cafezais de Esmeralda. Ele queria que este trabalhador me explicasse por que razão continuava trabalhando com “essa idade”.

Eduardo trabalharia ainda apenas na colheita de 2008 e depois se aposentaria. Ele não viajava mais para trabalhar em outras regiões, saía do Paraná direto para Esmeralda e depois de terminada a safra do café, retornava a sua casa. Ele ainda trabalha porque acredita que isto “valoriza” a pessoa.

Após algum tempo freqüentando o abrigo, houve uma noite em que, ao chegar por volta das 19 horas a este local, deparei-me com um grupo de seis ou sete trabalhadores do lado de fora. Todos estavam muito aborrecidos pelo fato de o abrigo estar fechado, pois estavam cansados e com fome. Um senhor, que descobri depois ser da Paraíba, estava, em especial, muito indignado com esta situação. Ao ver-me conversando com os outros, deduzi que eu era assistente social e veio furiosamente me pedir explicações sobre aquela situação. Eu disse que não sabia de nada, pois havia acabado de chegar. Junto a eles estava também Ramiro, de 52 anos, natural de Itabuna, que eu havia conhecido outra noite no abrigo. Ramiro está no seu segundo casamento e teve quatro filhos com a primeira esposa, de quem se desquitou. Seus quatro filhos e sua ex-mulher moram em São Paulo, onde ele morou durante 25 anos. Este trabalhador mora com a atual esposa em Itabuna.

Na capital paulista, Ramiro trabalhava como pedreiro. Na Bahia, ele trabalha com cacau, pesca, açaí e café, e também já foi cortador de cana em Goiás. Ele prefere cortar cana a colher café.

Ramiro contou sobre o EPI usado nas fazendas de cacau na Bahia. De acordo com seu relato, neste tipo de lavoura, os trabalhadores não precisam pagar pelo material de proteção utilizado. Os fazendeiros apenas dizem que o descontarão dos seus salários para que eles zelem pelo equipamento, mas não o fazem realmente. Nos canaviais onde trabalhou, Ramiro também havia recebido o EPI completo sem ter de comprá-lo.

Segundo Ramiro, na colheita dos cafezais na Bahia, paga-se um real pela caixa de café, cuja medida é 20 litros. Em sua opinião, em Esmeralda ganha-se mais dinheiro trabalhando neste tipo de lavoura.

Se não encontrasse emprego em uma semana, Ramiro voltaria para a Bahia. Ele tinha o contato de uma pessoa que lhe arrumaria trabalho em uma fazenda em Esmeralda. Ramiro já havia sido chamado para ir à Fazenda Santo Antonio, mas outros trabalhadores o aconselharam a não ir.

Foi este trabalhador que saiu em minha defesa na noite do mal-entendido no abrigo, e explicou a Josué, o paraibano, que eu não trabalhava para a prefeitura.

Aproximei-me do portão e ouvi Andréia perguntando para o seu vizinho, que assistia ao tumulto do lado de fora, quem havia chegado. A mulher de Igor estava sozinha com os filhos, pois ele havia saído com seu irmão José Reinaldo para procurar sua mãe que havia desaparecido. Quando ela soube que eu estava ali, abriu rapidamente a porta para que eu entrasse. Nisso, os trabalhadores se aproximaram dela e começaram a gritar e reclamar. Andréia me puxou para dentro e tornou a trancar a porta.

Uns quarenta minutos depois dessa confusão, Igor chegou com José Reinaldo. A mãe deles, uma senhora bem idosa havia ido à casa de outro filho e não avisou a ninguém. Em seguida o zelador abriu o portão para os trabalhadores entrarem.

Josué, de 64 anos, ao entrar, logo sentou-se e começou a conversar comigo. Ele disse que considerava Igor como um filho, contou-me que estava bebendo cachaça todo dia porque estava há muito tempo longe de sua família, e desandou a chorar. Josué levantou-se e não quis mais continuar a conversa. Pediu um prato de sopa a Igor e foi deitar-se. O zelador, jocosamente, disse que o paraibano estava “magoado” porque havia bebido “umas cachaças”. Os outros trabalhadores riram de sua brincadeira.

No ano anterior, Josué havia adoecido e ficou internado no hospital municipal de Esmeralda. Quando teve alta, uma assistente social pediu se ele poderia ficar no abrigo, pois não tinha onde ficar. Ele passou um tempo lá, aos cuidados de Igor.

Observar o movimento no entorno da rodoviária revelou-se uma estratégia de pesquisa bastante profícua. Foi na rodoviária onde conheci Benedito, um trabalhador que nasceu em São Paulo, mas se identificou como sendo do Paraná. Ele trabalhou a vida toda em lavouras e viajou por São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais em busca de trabalho. Para estados como o Mato Grosso ou para o nordeste não tem vontade de ir, pois está “acostumado com o clima mais fresco”. Benedito tem 60 anos, é separado e tem dois filhos os quais não vê há muito tempo. Sua filha é dona de casa e o filho está desempregado. Separou-se da mulher quando a filha tinha dez anos e o filho, cinco anos.

Este senhor viaja o ano inteiro, trabalhando em safras de diversos cultivos em diferentes regiões e não tem residência fixa. Ele não pensava em casar-se novamente porque não tem condições de sustentar uma nova esposa. “Como vou ficar carregando a mulher debaixo do braço nessa miséria?”, declarou.

Benedito nunca havia ido à Esmeralda. Depois da colheita do café, ia para Campinas, onde há lavouras de verduras. Ele acredita que o trabalho com hortaliças é “menos sofrido para quem é velho”.

Quando expliquei a ele sobre minha pesquisa, ele disse que eu deveria investigar as fazendas de café em Garça, no interior de São Paulo, cujos proprietários, em sua opinião, deveriam ser denunciados para a Polícia Federal. Segundo Benedito, nessa região, os alojamentos para os trabalhadores eram “piores do que chiqueiro” e a comida oferecida “nem cachorro queria”². Além disso, a medida real da saca de café ultrapassava em muito a medida suposta.

Este trabalhador criticou os homens que gastam o dinheiro ganho com o trabalho em cachaça. Benedito tinha o hábito de jogar na loteria, mas como nunca ganhou, desistiu: “A vida do pobre é assim”.

Benedito estava há uma semana na cidade, não havia conseguido trabalho e estava dormindo na rua. Apesar de saber da existência do abrigo dos trabalhadores, Benedito não o procurou. Ele sabia que este havia sido construído pelo sindicato e sua opinião em relação a essas entidades era péssima. Ele criticou bastante o sindicato de Garça, afirmando que seus representantes nunca fizeram nada pelos trabalhadores. Curiosamente, ele perguntou-me se eu sabia onde ficava o sindicato patronal de Esmeralda. Ele pretendia ir lá procurar por algum fazendeiro que pudesse lhe dar um emprego.

Enquanto conversávamos sentados no chão da área de embarque do terminal rodoviário, várias pessoas nos observavam. Um rapaz parou e perguntou se éramos pai e filha. Seu nome era Pedro. Ele é baiano, mora na cidade há 10 anos e é dono de um dos bares em frente à rodoviária. Pedro também já morou em São Paulo e em Belo Horizonte.

Eu falei que havia estado na Fazenda Santo Antonio e Pedro observou que essa fazenda era uma “bagunça”, pois seus alojamentos eram ruins e os gatos vendiam “pinga” para os trabalhadores.

Era comum eu encontrar pela manhã na rodoviária os trabalhadores aos quais havia conhecido na noite anterior no abrigo. Como fui ficando bastante conhecida entre eles, toda vez que passava pela região da rodoviária durante o dia, em geral para ir ao Ninter, eu era parada por esses trabalhadores. No início de junho, sempre havia muitos. Eles ficavam em pé, ou deitados e sentados sob suas bagagens. Os bares também estavam sempre cheios.

No primeiro dia em que reencontrei os trabalhadores, havia cerca de 20 homens em um grupo no qual estavam alguns que eu havia conhecido no abrigo. Quando

me viram, todos me cercaram e começaram a contar histórias e a queixarem-se. Naquele dia, quase todos haviam tentado algum trabalho, mas nenhuma das ofertas recebidas compensava. Os gatos e fazendeiros estavam pagando muito pouco pela saca de café, algo em torno de cinco reais.

Todos estavam muito agitados e vários estavam alcoolizados. Percebi que a minha presença ali estava despertando muita atenção. Com o tempo, constatei que essa região da rodoviária estava sempre sobre uma vigilância constante: do José Reinaldo, da Polícia Militar e dos moradores da cidade que por ali passavam ou trabalhavam, como no exemplo do Pedro, o dono do bar e dos taxistas locais. Ver-me com os trabalhadores causava estranheza e sempre havia quem reparasse em nossas conversas.

Os meus diálogos com os grupos de trabalhadores na rodoviária aconteciam sempre da mesma maneira. Eles vinham até mim e queixavam-se de mais um dia sem trabalho ou relatavam as péssimas condições de alguma fazenda aonde haviam ido trabalhar, e por essa razão, não quiseram ficar, voltando à rodoviária. Esta fazenda era quase sempre a Santo Antonio, cuja fama era péssima entre os trabalhadores. Muitos recusavam o trabalho antes de ir conhecê-la, devido às histórias que a envolviam. Estas versavam invariavelmente sobre: a precariedade do alojamento; a comida ruim e cara; os maus tratos do gato João da Bica; a cachaça vendida por ele aos trabalhadores que, embriagados, acabavam brigando entre si; sobre o aparecimento de trabalhadores mortos em valas da fazenda e sobre o desaparecimento de trabalhadores vivos, os quais nunca mais eram vistos.

Nestas minhas passagens pela rodoviária, alguns dos trabalhadores pediam para ser entrevistados ou eram indicados para conversar comigo por aqueles que eu conhecia. Assim entrevistei Damião, natural de Umuarama, Paraná. Ele tem 44 anos e mora com sua mãe em Foz do Iguaçu. Damião é separado, tem uma filha de 19 anos e uma neta de dois anos. Ele também disse ter muita experiência no trabalho em cafezais, pois quando era criança trabalhava com seu pai, que era arrendatário de uma fazenda de 19 mil pés de café. Este trabalhador define-se como caminhoneiro, profissão da qual tem orgulho.

Ele mostrou-me sua carteira de habilitação. “Faz parte da minha vida, os meus documentos pessoais”, disse-me. No entanto, Damião nunca teve seu próprio caminhão. Ele iria colher café apenas porque estava “sem condições”. Pretendia trabalhar em Esmeralda e voltar para o Paraná para renovar sua documentação e refazer alguns exames exigidos pelo Departamento de Trânsito do Estado do Rio de Janeiro (DETRAN) para que possa continuar a dirigir caminhões. Damião via-

jou por São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso, e sua experiência inclui trabalhos em usinas de álcool, com trator agrícola e com gado. Damião possui o ensino médio completo, o que se empenhou em destacar. Ele também já foi peão de rodeio e quase disputou o famoso torneio de Barretos. Este trabalhador estava fora do Paraná há 15 dias.

Neste mesmo dia, outro trabalhador também se ofereceu para ser entrevistado. Mas ele estava muito alcoolizado, por isso não o entrevistei. Perguntou-me se eu era do sindicato, pois ele havia me visto na Fazenda Santo Antonio, onde ele trabalhava, com Giovana, a advogada do sindicato. Como era um dia útil, eu lhe perguntei por que ele não estava trabalhando àquela hora. Ele respondeu que havia saído para ir ao banco, começou a beber na rodoviária e decidiu não voltar mais para a fazenda.

Muitos trabalhadores dormiam na rodoviária quando não tinham conseguido emprego ou haviam esgotado as noites as quais tinham direito no abrigo. Manoel contou sobre sua experiência:

Passei uma noite ali na rodoviária para nunca mais... Eu quero ir embora. É um desespero. É muito perigoso, é muito frio. A gente quase perde a nossa vida. Já pensou uma pessoa, de 6 horas da manhã em pé até de noite? É um frio de doer os ossos. Você ficar de um lado pro outro em pé pra passar o tempo.

Para proteger-se do frio da madrugada, Manoel havia dormido dentro do banheiro da rodoviária. Ele saiu de Salvador, onde nasceu e mora, há um ano e durante todo este tempo não deu notícias à família. Alguns conhecidos viram sua mãe em um programa de televisão pedindo informações pelo filho desaparecido. Ao saber disso, Manoel decidiu ligar para casa. Ele queria voltar, mas não tinha dinheiro para pagar sua volta. Este trabalhador estava tentando conseguir uma passagem na Secretaria de Ação Social. De Esmeralda, não há ônibus direto para Salvador, somente para Feira de Santana. Para ir deste município até a capital baiana, Manoel teria que trabalhar para comprar uma nova passagem. Este baiano de 37 anos tem um filho pequeno, mas não é casado. Ele trabalhou no corte de cana e na colheita de feijão.

Os trabalhadores queixavam-se muito de poderem passar apenas três noites no abrigo, o que os obrigava a dormir na rua, quando ainda não possuíam emprego e nem podiam pagar um lugar para ficar. Mauro, que passaria sua última noite no abrigo, caso não conseguisse trabalho no dia seguinte, iria à Secretaria de Ação Social pedir autorização para dormir lá mais algumas noites, conforme orientação do “guarda” Igor.

Mauro mora em Lapão, na Bahia, com a esposa e os filhos de 13 e 10 anos. Ele tem 30 anos. Sua mulher trabalha como faxineira. Seus pais estavam trabalhando em São Paulo quando ele nasceu. Seu pai trabalhava como pedreiro e sua mãe como doméstica. Voltaram para a Bahia para que os familiares ajudassem a cuidar de Mauro. Há alguns anos, sua mãe voltou para São Paulo, mas seu pai continua em Lapão. Nesta cidade, também moram os irmãos de Mauro, todos mais novos. Uma irmã trabalha em uma lanchonete e a outra trabalha em uma rádio. Seu irmão tem 15 anos e ainda não trabalha.

Era a primeira vez que Mauro ia a Esmeralda. Além de trabalhar no corte de cana, ele esteve em Luís Eduardo Magalhães colhendo algodão e soja, e em outros lugares da Bahia colhendo feijão. Ele sonhava em montar um comércio e trabalhar para ele mesmo, na sua roça, no seu mercadinho, em sua cidade, onde “conhece as pessoas”.

Mauro estava há quatro meses fora de casa. Antes de ir a Esmeralda, onde havia chegado há uma semana, ele estava em São Paulo cortando cana. Como ainda não havia conseguido um emprego, acabou gastando o dinheiro que tinha ganhado e precisava trabalhar ao menos para pagar a passagem de volta a sua cidade. Ele aceitava qualquer trabalho, só não queria ir para a Fazenda Santo Antonio, por causa da sua má fama.

Viriato, que conversava com Mauro, disse que quando não podem mais ficar no abrigo e ainda não conseguiram trabalho, os trabalhadores ficam “jogados” na rua: “E se ficar muito jogado, a polícia chega e bate. Taca cassetete. E aí não tem lei pra nada”.

Viriato tem 40 anos e nasceu em Lobato, no Paraná. Segundo o trabalhador, esse município fazia parte de Colorado, onde mora atualmente, mas agora se emancipou. É separado e tem uma filha de 13 anos e um menino de 14 anos. Seus filhos moram com sua mãe. Este paranaense costuma cortar cana na cidade onde vive. Disse que agora está voltando o plantio de café em sua região e por isso ele não precisará mais ir à Minas Gerais para trabalhar. Viriato já trabalhou em uma carvoeira em Goiás e na colheita da cana e da laranja em São Paulo. Pensa em ter sua propriedade e uma pequena quantidade de gado, “para não trabalhar mais para patrão”.

Viriato está há dois anos fora de Colorado. Era a terceira vez que ia a Esmeralda, onde trabalhou em diversas propriedades.

Sobre a violência a qual se expunham na rodoviária, Manoel havia falado algo semelhante a Viriato. No entanto, Manoel achava que o fato de alguns trabalhadores envolverem-se com bebidas, drogas e brigas despertava a represália por parte da

polícia, e todos acabavam prejudicados pelo comportamento da minoria. “Não se comportam, aí a maioria paga”.

Ramiro e Damião também comentaram sobre a brutalidade policial em relação aos trabalhadores. Além da agressão física, estes homens tinham constantemente suas bolsas reviradas e suas roupas e pertences eram jogados ao chão.

Mas ao mesmo tempo em que estes trabalhadores lamentavam-se das situações por que passavam na rodoviária, consideravam um privilégio poder estar ali durante o dia, pois era um local de encontro entre os que procuravam trabalho e os gatos e fazendeiros. Alguns trabalhadores também tinham o hábito de procurar pelos escritórios das fazendas que ficavam próximos a essa região.

Apenas homens circulavam pelo abrigo. Embora alguns estivessem viajando na companhia de amigos, quase todos viajam sozinhos. Nenhum deles levava consigo a esposa ou filhos, em virtude das incertezas da vida que levavam em busca de trabalho: não era sempre que se tinha algo para comer ou onde dormir. Conforme a explicação de André, uma criança não suporta passar por esse sofrimento.

André tem 35 anos e é natural de Pedras de Maria da Cruz, no norte de Minas Gerais. Ele e mais sete amigos haviam saído juntos dessa cidade à procura de trabalho. Há 10 anos ele colhe café em Esmeralda, onde morou durante um tempo. Ele e seus amigos estavam trabalhando em lavouras no município de Presidente Juscelino, mas “estava muito ruim”, pois não estavam conseguindo ganhar dinheiro. Estiveram em João Pinheiro, onde ficaram em um albergue para trabalhadores. Ganharam um dinheiro e conseguiram uma passagem até Patos de Minas, e de lá foram para Esmeralda.

André trabalhou em Magé, no Rio de Janeiro, por um ano, com charque e entregas. Foi a primeira vez que teve sua carteira assinada. Outras 17 pessoas de sua cidade também trabalharam para a mesma empresa. Ele voltou para o norte de Minas porque ficou com saudades de uma namorada, que não queria que ele viajasse. André tem dois filhos e desquitou-se há pouco tempo, mas está tentando reatar o casamento. Ele construiu a casa onde morou com sua família por sete anos. Quando ele estava trabalhando em Montes Claros, sua mulher foi embora e alugou outra casa para morar. Como a casa construída por André fica fechada, já que ele passa boa parte do tempo viajando, ele lhe pediu para voltar, para ela não ter de pagar aluguel. Ele dá 100 reais por mês de pensão aos filhos e lhes compra cadernos, roupas e remédios. André pede “a Deus” para sua mulher voltar, para os filhos não “ficarem jogados”, pois acredita que são eles quem mais sofre com a separação dos pais.

Assim como André e seus companheiros, Rafael e Ricardo também eram amigos em Irecê, de onde saíram juntos para ir a Esmeralda colher café. “É melhor que vir sozinho. Aqui não se faz amigo. Tem gente que diz que é amigo, mas não é”, afirmou Ricardo. Ambos haviam alugado uma pequena casa junto com outros colegas em Monte Azul. Quando o dinheiro acabou e não puderam mais pagar o aluguel, foram para o abrigo, onde já haviam ficado em anos anteriores.

Rafael tem 22 anos, mora com a esposa e com o filho de um ano. Ricardo tem 24 anos, também é casado e tem uma filha de nove meses. Ele reside na casa de sua mãe, mas pensa que “quando se tem sua família, é preciso ter seu próprio canto”. Ricardo pretende juntar o dinheiro ganho com o café para construir sua própria residência. Os dois amigos nasceram e viveram sempre em Irecê.

Ricardo tem parentes em São Paulo e Uberlândia. Nesta última cidade, ele costuma trabalhar como ajudante de pedreiro e recebe 30 reais por diária. Ele diz que seus familiares tentam convencê-lo a mudar-se para Uberlândia, onde ele teria mais oportunidades de trabalho, mas ele só o fará se for possível levar sua esposa.

Ricardo pretendia ficar no máximo por dois meses em Esmeralda. Sua mulher não queria que ele viajasse. Ele estava há uma semana fora de casa e sentia muita vontade de voltar. Só sai de sua cidade porque lá ganha-se muito pouco, apenas 15 reais por dia trabalhando em construções.

Há dois anos Ricardo ia a Esmeralda apanhar café. De acordo com o que me contou, a safra não foi muito lucrativa para os trabalhadores em 2007, mas ele acreditava que em 2008 seria melhor.

Depois de algum tempo, reencontrei Rafael. Ricardo havia conseguido trabalho, mas ele não. Apesar disto, Rafael não estava sozinho: ele havia encontrado Artur, outro baiano de Irecê, de onde se conheciam de vista. Esses dois jovens trabalhadores estavam voltando para a Bahia, pois não haviam conseguido bons trabalhos. Os pais de Artur iriam depositar o dinheiro do aluguel de sua casa para que ele pudesse comprar a passagem de volta. Este jovem, que aparenta ter em torno dos 25 anos, mora com seus pais e irmãos em Irecê. Ele separou-se de sua mulher e alugou a casa em que moravam.

Artur está desde o início do ano viajando em busca de trabalho. Foi para São Paulo, onde trabalhou como ajudante de pedreiro. Voltou para Irecê, e depois foi para Goiás, quando trabalhou em usinas de cana-de-açúcar. Por fim, foi a Esmeralda. A primeira vez que saiu de sua cidade para trabalhar foi em 2002, e depois em 2005, 2007 e 2008. Artur enfatizou que só faz isso porque em Irecê é “fraco de serviço”, pois “é muito ruim ficar tanto tempo longe da família”.

Artur trabalhou alguns dias em uma fazenda, cujo nome do dono ele não soube dizer, e pediu demissão. Ele estava ganhando muito pouco e achou o preço cobrado pela marmita muito alto. Em São Paulo e Esmeralda, lugares onde costuma trabalhar, nunca teve sua carteira assinada. Somente em Goiás foi registrado. Ele contou que nas fazendas menores nas quais a colheita dura 15, 20 dias, nunca se assina a carteira.

Alguns dos trabalhadores que encontrei, como Ricardo e Rafael, haviam saído de sua cidade diretamente para Esmeralda. Outros estavam há anos longe de casa e da família. Os que estavam há mais tempo sem retornar às cidades onde moravam são outros dois baianos: Roberto e Marcelinho.

Roberto tem 42 anos, nasceu e mora em Miguel Calmon, uma cidade baiana. Ele tem cinco filhas e um filho. Roberto mostrou-me um pequeno álbum com fotos de sua família. Ele foi para Esmeralda para “procurar serviço” pela primeira vez. Roberto colheu café em Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, na Bahia. Antes de ir para o Alto Paranaíba, esteve no município de Boqueirão, na Paraíba, trabalhando em uma usina de cana de açúcar. Ele também já trabalhou em lavouras de feijão e em “serviços gerais”. Continuou em busca de emprego por lá, mas não encontrou, por isso decidiu ir para Minas Gerais. Este baiano está há três anos fora de sua casa e sente muitas saudades de sua mãe.

Quando conversamos pela primeira vez e eu expliquei sobre a pesquisa, Roberto agradeceu a Deus e a mim por eu estar ali o entrevistando. Ele também agradeceu a Igor, que estava presente, por tê-los recebido tão bem, tratando-os “com todo amor e com todo carinho”. Nas vezes em que o encontrei na rodoviária, ele sempre me apresentava aos outros trabalhadores aos quais tentava convencer sobre a importância de conversar comigo por eu estar interessada na vida deles.

Marcelinho, de aproximadamente 30 anos, saiu de Irecê, sua cidade natal, em 1999. Nesta época, sua filha tinha quatro anos e seu filho dois anos. Considerava-se casado, mas depois de nove anos sem dar notícias, não sabia se a mulher ainda esperava por ele. Ele mostrou-me as fotos de seu filho, de seus irmãos, de sua cidade e de sua casa. Marcelinho tinha um pequeno sítio, vizinho ao de seu pai, no qual plantava feijão, mandioca, jiló e melancia, “para não passar fome”. Este trabalhador circulou por diversos estados do sul e do sudeste, cortando cana e colhendo laranja e café. Ele havia passado um dia na Fazenda Santo Antonio e não quis mais trabalhar lá.

André, que estava fora de casa há 15 dias, contou sobre o irmão de um colega que há doze anos deixou a cidade natal e nunca mais retornou ou deu notícias à família. Este trabalhador e seus companheiros estiveram procurando por ele e não o encontraram.

Muitos desses trabalhadores se envolviam com mulheres, sobretudo prostitutas, durante suas viagens, alegando que passavam muito tempo longe de suas esposas. Manoel contou que havia conhecido uma “menina bonitinha” na rodoviária. Foi com ela para um quarto de hotel, e quando chegou lá, ela estava com cocaína. Dispensou-a porque não queria envolver-se com drogas.

Quando Manoel me contou o seu envolvimento com uma prostituta, muitos riram constrangidos.

De acordo com o que me foi relatado por esses trabalhadores, não parece haver entre eles e as mulheres que conhecem nos municípios onde trabalham um envolvimento para além de um breve contato sexual. A maioria desses homens não cogitava formar novas famílias, por mais que tivesse perdido o contato com os filhos e esposas. Eles explicavam que não conseguiam nem manter a família que tinham deixado no lugar de origem, e, portanto, não tinham condições de formar novas famílias³.

Nenhum dos trabalhadores entrevistados no abrigo era associado do sindicato de Esmeralda ou de qualquer outro. Para Manoel, o sindicato não se importa com eles e não cumpre a obrigação de ir às fazendas para verificar suas condições de trabalho.

Eduardo concordava com Manoel e achava que os sindicalistas só pensam em enriquecer às custas dos trabalhadores.

Houve um episódio no qual ficou evidente o desconforto entre os representantes do sindicato e os trabalhadores. Certo dia, ao caminhar pelo centro da cidade, encontrei novamente Ramiro, de Itabuna, e outros três homens que estavam com ele no abrigo na noite anterior. Ele e mais quinze homens haviam trabalhado na Fazenda Santo Antonio durante cinco dias (ele mostrou-me sua carteira de trabalho) e pediram demissão. O gato João da Bica não quis “dar baixa” na carteira, ou seja, liberá-los. Para isto, ele impôs como condição que pagassem o aviso prévio ou trabalhassem mais oito dias. Eles se negaram a cumprir essas exigências, pois se ficassem mais oito dias, mais 56 reais seriam descontados pela alimentação, já que marmita custava sete reais por dia. Eles também não tinham dinheiro para pagar o aviso. Ramiro também falou sobre como o gato vende cachaça para tirar o dinheiro do trabalhador. O preço da saca de café em Santo Antonio, nesta época, havia subido para dez reais. No dia seguinte, Ramiro e outros três companheiros que estavam com ele no abrigo ligaram para outra fazenda à procura de trabalho.

Por fim, este grupo conseguiu emprego em uma das fazendas de Carlos Heitor, através de um gato que os chamou na rodoviária, e precisavam que constasse a liberação na carteira de trabalho. Além disso, eles estavam sem dinheiro para comida e hospedagem, e só poderiam passar mais uma noite no abrigo.

Estes trabalhadores queriam pedir auxílio ao sindicato para resolver essa situação. Raimundo repetia que o sindicato teria que ajudá-los, pois essa era sua função, fazer algo pelos trabalhadores. Como esse grupo não sabia onde ficava a sede do sindicato de Esmeralda, eu e minha colega de pesquisa que me acompanhava neste dia, nos oferecemos para levá-los até lá.

Ao longo do caminho, Ramiro era o único entre os trabalhadores que falava conosco. Os outros três andavam atrás de nós, a uma distância considerável. O senhor de Itabuna contou que além de cobrar pela marmitta (e pela cachaça), o gato vende pacotes de biscoitos para os trabalhadores alojados pelo triplo do preço do mercado.

Ao chegarmos ao sindicato, falamos com o recepcionista e explicamos o caso. Ele pediu que os trabalhadores aguardassem o atendimento de Giovana. Quando a advogada apareceu, explicamos novamente o que se passava com Ramiro e os outros safristas. Parecendo constrangida com a nossa iniciativa, ela pediu que esperássemos.

Decidimos então recorrer a Miriam, presidente do sindicato, que havia ido nos cumprimentar. Ela não foi muito receptiva, e apenas nos instruiu que eles deveriam ter procurado o Ninter, responsável por resolver questões envolvendo trabalhadores empregados há menos de um ano.

Miriam pediu que eu a apresentasse aos safristas, que permaneceram todo o tempo ao lado de fora do sindicato, parecendo não terem se sentido à vontade para entrar. Deixei-os conversando e entrei novamente. Pouco depois, Ramiro nos chamou, nos cumprimentou e agradeceu por termos lhes conduzido até ali.

Após tê-los dispensado, Miriam explicou a Giovana o acontecido. A advogada veio falar conosco, em tom de brincadeira: “Como é que vocês ficam trazendo esse povo errado aqui... Essas duas vão virar nossas assessoras”.

Na noite seguinte, fui ao abrigo especialmente para encontrar Ramiro e saber o que havia acontecido depois que ele e seus companheiros saíram do sindicato no dia anterior. Os trabalhadores haviam retornado ao Ninter e, a princípio, os conciliadores haviam dito que nada poderiam fazer por eles. Um dos baianos ficou muito irritado e começou a gritar que iria denunciá-los para a Polícia Federal. Felisberto, o conciliador que representava os trabalhadores, decidiu então ligar para a fazenda e resolver o problema. Naquele mesmo dia, eles voltaram à fazenda e conseguiram a baixa na carteira. Foram ao escritório da Fazenda Santo Antonio, receberam o que lhes era devido e conseguiram o trabalho na fazenda de Carlos Heitor. Ramiro mostrou-me os exames médicos que lhes foram pedidos para a admissão na fazenda.

Quando tinham problemas trabalhistas, muitos trabalhadores deixavam de recorrer ao sindicato de Esmeralda ou de outras regiões, por acreditarem que não havia interesse por parte destes em ajudá-los. Em um ano anterior, Viriato havia trabalhado quatro meses em uma fazenda em Esmeralda, e quando foi receber o dinheiro ao qual tinha direito, lhe pagaram apenas 38 reais. Ele não quis procurar o sindicato, pois achava que “a corda arrebenta sempre do lado mais fraco”. Mauro concordou com ele e explicou-me que como eles estão sempre viajando ou moram em outras cidades e estados, fica difícil abrir um processo contra o patrão.

Stolcke (1986) também relata o medo dos trabalhadores do café do interior de São Paulo de entrar na justiça contra o empregador para exigir o cumprimento de seus direitos. Os que o fazem, ficam marcados e têm dificuldades para empregar-se novamente. A existência de uma massa de trabalhadores em busca de trabalho faz recuar os empregados da fazenda diante das greves, temerosos de perder o emprego. E ainda que não se perca o emprego, um dia a menos de trabalho é muito para quem ganha por diária.

No entanto, a não adesão a greves ou a inexistência de insurreições contra as formas de exploração e controle da fazenda não significa passividade ou conformismo. Scott (1986) sugere a análise das formas cotidianas de resistência para entender como a escolha por não participar de mobilizações abertas se inscreve na estratégia de manutenção do emprego e sobrevivência desses trabalhadores.

Carpir o mato grande e deixar o pequeno para continuar a ter serviço, parar de trabalhar ao primeiro sinal de chuva, furtos de sacas dos gêneros produzidos e quebras de peças das máquinas durante à noite são alguns atos de resistência e revolta descritos por Stolcke (1986) e Scott (1986). Enquanto qualquer pequena rebelião declarada desperta grande repressão por parte do Estado e dos patrões, esses atos de sabotagem podem produzir grande impacto na luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações (SCOTT, 1986).

Em Esmeralda, não há boicotes ao maquinário e nem roubos de sacas de café. Os atos de protesto e resistência consistem em pequenas greves, deserção e divulgação de histórias ruins sobre fazendeiros, fazendas e gatos; a construção de uma má reputação de seus empregadores. Uma fazenda com má fama, como a Santo Antonio, parece ter mais dificuldades em conseguir trabalhadores e, sobretudo, em mantê-los. O alto índice de abandono do trabalho, ainda que não afete substancialmente a produção de uma fazenda, não deixa de ser um inconveniente para proprietários e empreiteiros.

Boa parte dos trabalhadores entrevistados tinha uma origem na roça e cresceu trabalhando com os pais na lavoura, como Roberto. Seu pai morreu quando ele tinha apenas cinco anos, e ele e os quatro irmãos passaram a ajudar a mãe, plantando feijão, abóbora, mamona e melancia no pequeno sítio onde viviam. Ainda hoje, a maioria de seus familiares mora na área rural.

Assim como Roberto, a maioria preferia a vida rural, considerada menos miserável. A roça é definida como um lugar onde não se passa fome, quando se pode plantar. A vida na cidade é pensada como sendo para quem tem um maior grau de escolaridade e, portanto, melhores oportunidades de trabalho, como afirmou Artur: “A vida na cidade é muito difícil para quem não tem estudo”. Alguns dos trabalhadores entrevistados eram analfabetos e poucos haviam completado o ensino médio; a maioria tinha apenas o ensino fundamental incompleto.

A família de André, ao contrário da de Roberto, atualmente mora na cidade. Mas aquele trabalhador também nasceu e cresceu na roça, onde prefere viver.

Muitos desses trabalhadores, que cresceram em pequenas propriedades da família, perderam suas terras, por razões diversas. No entanto, alguns ainda plantam pequenas roças para subsistência. Ter terra representa segurança e alguma autonomia para não depender apenas de trabalhar para patrão.

Mauro acreditava que não deveria ter saído de seu município, pois ao menos lá ele não passava fome. Para ele, muitas vezes compensava o trabalhador rural trabalhar apenas em sua propriedade, caso tivesse, ainda que fosse somente para sobreviver, do que sair da sua cidade para “trabalhar para patrão”. Manoel partilhava de opinião semelhante e queixava-se de que jamais sairia novamente de sua cidade sem emprego certo, pois também havia passado fome. Ele falava repetidamente que nunca mais sairia de Salvador em busca de emprego, e que isso era uma “besteira”, a não ser que tivesse algum parente no lugar para o qual viajasse.

André também achava que por mais difícil que fosse a vida em seu município, ao menos ele estava perto de sua família:

O norte de Minas é sofrido, mas pelos menos tem os seus parentes, você está na sua casa, a gente tem um apoio. Há 10 anos, não dava para perder dinheiro, mas agora, mudou as coisas muito. Mas acho que dá para salvar pelo menos uns seis meses para fazer uma feira boa.

É corrente entre esses trabalhadores, assim como entre os entrevistados de Monte Azul, a idéia de que antigamente se ganhava mais dinheiro e a oferta de

trabalho era maior para os apanhadores de café. Nas outras vezes em que esteve em Esmeralda, Viriato sempre conseguiu trabalho. Ele atribuía as dificuldades para empregar-se no ano de 2008 ao atraso no início da colheita em virtude da longa temporada de chuvas.

Para Viriato, os governos estaduais deveriam ter a preocupação de gerar mais empregos para os agricultores, para que não fosse necessário viajar à procura de trabalho: “As pessoas não deveriam passar pelo sofrimento de ter que sair da sua casa e ficar longe da família”.

“Hoje” é um tempo em que se ganha menos e as dificuldades para conseguir trabalho são maiores. No entanto, não se pode voltar para casa sem dinheiro, fato que provoca vergonha e é percebido como fracasso no lugar de origem. “Voltar sem dinheiro não dá. Tem que seguir pra frente”, dizia André.

É preciso poupar o pouco dinheiro que se ganha. Segundo Mauro, mesmo que o “acerto” seja ruim, é necessário guardá-lo para enviar à família. Aqueles que “ficam na gandaia” e gastam o que ganharam são sempre criticados. No entanto, para Mauro e Viriato, quem tem filhos, tem que “pensar muito e ter responsabilidade”.

Josiel, de 28 anos, nascido em Irecê, destacava-se entre os trabalhadores. Enquanto quase todos se desesperavam para conseguir um emprego e falavam em ir embora de Esmeralda, ele me pareceu mais seguro e com uma situação financeira melhor, o que lhe permitia certa margem de escolha entre as ofertas de trabalho. Este trabalhador não aceitava “qualquer serviço”. Josiel estava há um ano fora de casa e trabalhou em lavouras de soja, milho, feijão, mamona e em uma carvoeira. Ele mora sozinho, é separado e não tem filhos.

Os outros trabalhadores admiravam-se da situação de Josiel. Como havia entre eles alguma convivência, mesmo passageira, no abrigo ou na rodoviária, embora sendo de lugares diferentes, os trabalhadores sabiam o que se passava uns com os outros. Quem havia sido preso por beber e brigar, quem era o recordista do número de sacas colhidas em uma fazenda, quem não conseguia colher nada, entre outras informações do tipo circulavam entre esses trabalhadores.

Roberto contou que Josiel havia recebido cinco propostas de trabalho; o próprio Josiel confirmou essa história e acrescentou que três dessas ofertas aconteceram em apenas um dia. Roberto dizia que enquanto Josiel rejeitava trabalho, os outros não o conseguiam.

Apesar de não conseguir trabalho, de forma geral, ser considerado como uma dificuldade explicada pelo uso crescente do maquinário ou por uma safra ruim, muitas vezes havia entre os trabalhadores insinuações ou até acusações explícitas

sobre a incapacidade individual de conseguir empregar-se. Quando Manoel falava sobre como não podia retornar à Salvador por não ter como pagar a passagem de volta, Josiel disse que se ele trabalhasse apenas três dias, conseguiria o dinheiro para ir embora, sugerindo que era difícil não conseguir nenhum serviço:

Manoel: Mas cadê o trabalho?

Josiel: Eu arrumei três serviços de ontem pra hoje.

Manoel: Sim, mas a gente não arruma, a gente fica ali...

Roberto: A história dele sabe como é que é? No meio de cem, às vezes dez arruma...

Manoel: Você (referindo-se ao Josiel) arrumou e não quis, eu estou doido, estou procurando e não estou achando. O que eu puder fazer eu faço, se não puder...

Em outra ocasião, quando Roberto chegou ao abrigo, eu conversava com um cearense que havia ido a Esmeralda para trabalhar em uma chácara. Roberto queria ir embora de Esmeralda, pois havia se “enganado” com a cidade. Ele contou que nunca havia passado por uma situação tão difícil e estava até pedindo dinheiro para as pessoas nas ruas. Roberto havia ligado para uma de suas filhas que iria lhe mandar dinheiro para ele ir a Brasília encontrá-la. Ela havia ido procurar emprego na capital federal.

Roberto partiria no outro dia, e mesmo que alguém lhe oferecesse emprego, não ficaria mais em Esmeralda. O cearense provocou-o, dizendo que para quem sabia trabalhar, emprego não faltava. Este disse ainda que se tentasse, certamente acharia trabalho, pois isto nunca havia lhe faltado. O baiano se irritou, pois havia passado cinco dias procurando emprego. O cearense, muito alcoolizado, ria e debochava. Roberto ficou muito nervoso, perguntou-lhe se ele havia bebido e disse que não conversaria mais com ele, somente comigo.

As qualificações pessoais, a “força de vontade” e a “sorte”, como mencionavam meus interlocutores, ou a ausência destas, apesar das circunstâncias difíceis, são importantes diferenciais que colaboram para o sucesso ou o fracasso na empreitada de empregar-se, e, sobretudo, empregar-se bem, assim como a ajuda divina.

No caso de Aluísio, um rapaz de Campinas, os outros trabalhadores alojados no abrigo especulavam sobre sua sanidade e achavam difícil que ele se empregasse, pois ninguém daria essa oportunidade a alguém com indícios de perturbação mental.

Este rapaz havia passado duas noites no abrigo. Ele nunca jantava e nem se sentava para conversar com os outros, apesar da insistência para que ele se aproximasse e partilhasse os seus problemas, “desabafasse”.

As tentativas frustradas de conseguir emprego levavam sempre à escolha de sair de Esmeralda e ir para localidades próximas, para continuar tentando uma vaga como safrista em alguma fazenda de café. Muitos também iam para outros estados, como Roberto, ou falavam em voltar para casa, como Édison, de 25 anos, natural de Bom Jesus da Lapa. Após ficar desempregado, ele voltou a dormir no abrigo depois de um mês. Ele estava há um pouco mais de 30 dias em Esmeralda, para onde tinha ido pela primeira vez.

Segundo este baiano, muitos trabalhadores que foram à Esmeralda para trabalhar na colheita estavam voltando para suas regiões de origem já no final de junho (o período da safra vai até setembro ou outubro), e muitos outros estavam trabalhando somente para pagar a passagem de volta, pois ninguém estava conseguindo ganhar dinheiro.

Viriato havia trabalhado durante 12 dias em um sítio com um gato, até o fim da colheita. Poucos dias depois, o mesmo empregador o chamou novamente para colher café, mas dessa vez ele não quis ficar até o término do trabalho, pois estava ganhando somente 15 reais por dia, sem os descontos pelas refeições. Este trabalhador e seus companheiros caminharam 30 km até a cidade, pois o empregador não quis disponibilizar o ônibus para transportá-los após os pedidos de demissão.

Viriato não sabia informar o nome da fazenda ou do fazendeiro para o qual trabalhou. Ele disse que nunca o viu, pois resolviam tudo com o gato, cujo nome ele também não recordava. É comum os trabalhadores dizerem que não conhecem e nem sabem o nome do fazendeiro para o qual trabalharão. Ainda que saibam e prefiram não falar, o empregador e o gerente da fazenda são figuras muito mais presentes em seu cotidiano, pois lidam diretamente com eles. Por esta razão, para os trabalhadores, estes profissionais e em especial o gato, muito mais que o proprietário são os responsáveis pela exploração, pelos salários baixos e pelas demissões injustas. No caso da Fazenda Santo Antonio, por exemplo, os gatos Carlos Bigode e João da Bica são sempre mencionados por tirarem o dinheiro dos trabalhadores, mas o dono nunca foi citado por nenhum dos safristas com quem conversei.

As investidas para conseguir emprego usualmente eram feitas em grupo, mesmo que este fosse formado por trabalhadores que haviam acabado de se conhecer. Patrício havia chamado alguns dos trabalhadores entre os presentes no abrigo para conversar com um cafeicultor com quem ele havia trabalhado em anos anteriores. Este produtor era dono de um pequeno mercado próximo à rodoviária. Eles iriam procurá-lo neste mercado e ofereceriam sua mão de obra para a colheita.

Patrício tinha aproximadamente 60 anos e era paranaense. Ele é separado, não tem filhos e nem residência fixa. Há anos ele trabalhava nos cafezais de Esmeralda, Monte Carmelo e Citrino. Em 2008, antes de ir à Esmeralda, onde estava há três dias, ele estava colhendo laranja no interior de São Paulo, mas desistiu deste trabalho porque não estava ganhando dinheiro. “Estava muito ruim”. O empregador que o empregou o estava roubando. Damião também falava sobre a importância da “união” entre os trabalhadores para superar as condições precárias nas quais estavam vivendo, o que levava muitos a pedir água e comida nas casas da cidade. De forma semelhante a Patrício, ele dizia que “Não sou malfeitor, não sou gato, não sou agenciador de fazenda” e acreditava que por ser paranaense, o que supunha uma maior experiência no trabalho com o café, poderia e desejava ajudar aqueles que tinham menor prática nesta lavoura.

Na primeira vez em que conversamos, André aguardava a confirmação de um trabalho para ele e os outros sete amigos que haviam saído juntos de sua cidade. Ele falava repetidamente que “um tem que fazer pelo outro” e “onde um está, o outro entra”. Algum tempo depois, eles conseguiram trabalho em uma plantação de pimenta, na falta do trabalho no café. Como só havia emprego para três, eles se revezariam, para que os oito pudessem trabalhar. Cada um ganharia 25 reais por dia.

Este arranjo feito por estes trabalhadores tem a ver com o discurso sobre a “união”, de que “um tem que fazer pelo outro” e que “todos têm que estar unidos”, conforme repetido por alguns, como André, Patrício e Damião. O primeiro, para exemplificar esta postura, contou que dividiu o dinheiro que havia poupado com seus colegas que haviam ficado sem nada.

Quando posteriormente reencontrei André, soube que apenas três dos seus companheiros permaneceram trabalhando na pimenteira. Ele e outro amigo que foram trabalhar em um silo de uma pequena fazenda haviam voltado a dormir no abrigo, apesar de já terem excedido as noites às quais teriam direito. Igor não teria permitido que os outros também voltassem ao abrigo porque estavam bêbados. Este grupo do norte de Minas planejava alugar uma casa em Monte Azul para morar durante o período da safra, quando todos estivessem empregados.

Da mesma forma que em Monte Azul, circulava entre os trabalhadores do abrigo informações sobre onde estava “bom de serviço”. João Fagundes, um pernambucano que morava no município de Varzelândia, no norte de Minas Gerais, pensava em ir à Citrino, mas Viriato, a quem ele havia conhecido no abrigo recomendou que não o fizesse. Este paranaense comentou que em Citrino só havia pequenas plantações de tomate e café, cuja colheita durava apenas um mês e os preços pagos pelas sacas eram muito baixos.

João, antes de ir a Esmeralda, estava trabalhando em um cafezal em Monte Carmelo, mas logo pediu demissão, pois estava ganhando muito pouco. O preço da saca de café na fazenda onde havia trabalhado era quatro reais e as refeições custavam cinco reais por dia aos trabalhadores. Ele conseguiu uma passagem com uma assistente social da prefeitura para ir à Esmeralda. Disse que não houve dificuldades, bastou explicar a situação.

Em 1972, João Fagundes saiu de Pernambuco e retornou em 1976. Hoje ele não tem nenhum vínculo com seus parentes no nordeste. Esse trabalhador também morou 27 anos em São Paulo e esteve em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, cujo clima achou muito quente. Quando perguntei por que os trabalhadores rurais não costumam buscar trabalho no Rio de Janeiro como em São Paulo, ele respondeu que não há emprego naquele estado, pois os cariocas não gostam de trabalhar, querem apenas “ficar bebendo cerveja na praia”.

João tem 50 anos e é viúvo desde 2005. Suas duas filhas, uma de 15 anos e outra de 19 anos, moram com sua sogra, que possui umas “terrinhas”, onde plantam feijão, milho e mandioca, em Varzelândia.

O pernambucano, além de pagar pelo almoço e pelo jantar das fazendas onde trabalha, compra biscoitos para complementar a alimentação, porque acha o café servido pela manhã “muito fraco”. Ele também costuma comprar aparelho de barbear e outros itens para higiene pessoal. Com todos esses gastos, não lhe sobra dinheiro algum. Ele vendeu seu celular, do qual sempre falava com suas filhas, para pagar as diárias de oito reais do hotel onde estava hospedado na rodoviária, antes de ir ao abrigo.

Há três anos João trabalha nos cafezais em Esmeralda. No ano anterior ficou até setembro e depois voltou para a cidade onde mora. Ficou até o dia 21 de dezembro em Varzelândia e em seguida foi para São Paulo, onde trabalhou como servente de pedreiro e ficou hospedado na casa de seus irmãos. De lá, voltou para Minas, onde estava há 15 dias. Além de Monte Carmelo, João esteve também em São Gotardo procurando por trabalho.

João Fagundes avaliava que, há alguns anos, algumas fazendas melhoraram as condições de habitação e trabalho para os trabalhadores. Em uma das fazendas em que havia trabalhado em Esmeralda, ele afirmou ter pelo menos água quente para tomar banho. Para Viriato, houve mudanças porque “bateu a federal”, se referindo à fiscalização do Ministério do Trabalho. João também achava que agora “está mais sério”, embora ambos ponderassem que muitas melhorias ainda estão por serem feitas.

A avaliação sobre onde está “bom de serviço”, inclui não somente municípios, mas também fazendas. Os trabalhadores fazem uma distinção entre fazenda boa e fazenda ruim (termo meu). “Fazenda boa” é onde “eles ajudam mesmo”, segundo Roberto. De acordo com André, ganha-se dinheiro quando se consegue trabalhar em uma “fazenda boa”. “Fazenda boa” é aquela onde os trabalhadores são “bem cuidados”, ganham bem, tem direito a banho com chuveiro quente e boa alimentação:

Hoje em dia é muito difícil encontrar uma fazenda que assine a carteira. Que cuide da pessoa. Esse povo mesmo (da Fazenda Santo Antonio)... Dá o preço do café e quem quiser trabalhar...

Do contrário, a fazenda ruim, entre as quais a maior expoente é a Fazenda Santo Antonio, é aquela onde eles não têm seus direitos respeitados e são humilhados. Manoel havia trabalhado durante quinze dias nesta fazenda e descreveu o alojamento, situado em uma área próxima a um chiqueiro, como sendo frio e insalubre.

André contou que ninguém quer trabalhar na Fazenda Santo Antonio, e muitos dos que nela trabalharam, se demitiram, em virtude da exploração e dos maus tratos aos quais eram submetidos pelo gato. Este ficava com parte do dinheiro ganho pelos trabalhadores e cobrava caro pelas refeições, reduzindo bastante o salário dos safristas.

Quase todos os trabalhadores narravam histórias sobre a Fazenda Santo Antonio, mesmo aqueles que nunca haviam estado lá. Édson também reclamou da péssima qualidade da comida e do alojamento desta fazenda. O colchão no qual dormia era muito fino, e ele recusou-se a provar a marmita.

Édson e um amigo, como quase todos que se demitiram da Fazenda Santo Antonio, não quiseram esperar pelo ônibus que os transportaria à cidade e voltaram caminhando. Segundo esse trabalhador, quando alguém pede demissão dessa fazenda, a dispensa leva cinco dias para que os trabalhadores continuem consumindo as refeições e, portanto, recebam salários ainda menores. Um conhecido, ao final de um mês de trabalho nesta fazenda, só recebeu 60 reais depois de descontados os valores pagos pela alimentação e pelo EPI. Édson também contou histórias sobre corpos de trabalhadores encontrados nesta fazenda.

Roberto e Marcelinho haviam passado um dia na Fazenda Santo Antonio e também não quiseram mais trabalhar lá. Eles contaram que pela manhã, quando os trabalhadores acordam, o empreiteiro oferece cachaça para todos antes de irem para a lavoura, assim como na hora do almoço. “O caboclo já vai pra lavoura doidão”, disse Roberto.

Conforme os relatos dos trabalhadores, não adiantava queixar-se com o João da Bica, pois ele dizia: “aqui quem manda sou eu” e continuava os tratando mal. Há nesta fazenda outro gato, o Carlos Bigode, mas ele é considerado tão ruim para os trabalhadores quanto o João da Bica. A opinião corrente entre os trabalhadores com quem conversei no abrigo sobre os gatos, era que os empreiteiros se aproveitam de sua situação vulnerável para explorá-los. Eles sempre pagam menos pela saca do que o acordado previamente. Muitas vezes, o que os apanhadores de café ganham ao final da colheita, não cobre nem as refeições, cujo preço cobrado pelo empreiteiro gira em torno de seis reais por dia.

O ideal de muitos trabalhadores, e o critério definidor de alguns, era trabalhar em fazendas onde pudessem negociar diretamente com o fazendeiro ou com o gerente. Josiel, por exemplo, não aceitava trabalhar para empreiteiro, para não ter de repassar parte do dinheiro ganho. Ele só trabalhava em fazendas nas quais não havia intermediário entre ele e o proprietário: “Eu não vou em todo serviço, não. Com empreiteiro, você não ganha o que você quer ganhar. Com empreiteiro, você esforça e não ganha dinheiro”.

Manoel concordava que era melhor trabalhar sem o empreiteiro. Em sua concepção, só é possível ganhar dinheiro para mandar para a família quando se trabalha com carteira assinada e sem o intermédio do gato. “Com o gato, só se ganha para sobreviver onde estiver”, afirmou. Artur também não queria mais trabalhar com gato, pois achava que este lucrava muito em cima dos bóias frias.

No entanto, Roberto lembrou que em nem todos os lugares é possível trabalhar sem o gato, pois muitos proprietários não aceitam conversar com os trabalhadores. Quando estes os procuram, os fazendeiros pedem que procurem o empreiteiro. Ele citou como exemplo sua experiência em usinas de cana, onde só se trabalha com um mediador entre trabalhadores e patrões. Em meio a esta conversa, Patrício observou que na fazenda aonde ele levaria os trabalhadores para conversar não havia gatos.

Caso fossem contratados, esses trabalhadores ficariam no alojamento desta fazenda. Ainda que pesem todas as queixas e denúncias com relação à precariedade dos alojamentos das fazendas, não somente de Esmeralda, mas de outras regiões também, a maioria dos trabalhadores não gosta de trabalhar em fazendas que não oferecem alojamento, pois quando alugam casas na cidade para morar durante o trabalho na colheita, acabam freqüentando bares e gastando o dinheiro, além de terem que acordar mais cedo para se deslocar até as propriedades e de correrem o risco de serem assaltados.

Patrício também preferia acordar e já estar “dentro do serviço”. Manoel, em outra cidade, trabalhou em uma fazenda que não possuía alojamento. Ele acordava às quatro horas da manhã para preparar a marmita para levar para a roça. Quando saía para pegar o ônibus que o levaria à fazenda, o dia ainda não havia amanhecido.

No entanto, Roberto argumentou que mesmo quando os trabalhadores ficam nas fazendas, muitas vezes ao final da colheita, não recebem dinheiro algum, em função dos descontos relacionados aos gastos com a alimentação e com o material de proteção.

Apesar destas considerações, havia entre esses trabalhadores alguma discordância sobre se compensava ou não trabalhar com gatos. Quando indagado sobre o quanto os gatos ganhavam à custa dos trabalhadores, André me deu a seguinte explicação:

Depende. Vamos supor... O gato ganha dinheiro... Por que ele gosta da pessoa que é a pessoa boa de serviço. Por quê? Quanto mais a pessoa produz, mais o gato ganha também em cima. E quando a pessoa é ruim, aí ele não ganha quase em cima da pessoa. Então eles só gostam principalmente de gente que já mexeu com café... Se você falar com o gato “Eu nunca mexi com café”, ele não te leva não. Porque até você produzir ali, vai demorar. Porque tem pressa. O que é o café? Café tem gente que pega do mesmo serviço que você tiver, tem gente que pega em dez sacos, vinte sacos e têm outros que pega menos.

Ainda que a exploração e responsabilidade pelas condições degradantes de trabalho sejam atribuídas muito mais aos empreiteiros do que aos fazendeiros, também eram comuns afirmações de que estes não gostam de assinar a carteira de trabalho e não dão nenhum conforto aos seus empregados, e por isso muitos trabalhadores preferem demitir-se.

Embora Manoel achasse os fazendeiros “nojentos”, ao mesmo tempo, ele considerava que muitos trabalhadores não valorizavam as oportunidades dadas, “bebedo, brigando e bagunçando”. No seu entender, o total dos trabalhadores contratados costuma ser prejudicado por alguns “bagunceiros”, sendo a má vontade dos produtores conseqüência deste tipo de comportamento da minoria. Ele acreditava que os fazendeiros ficam com raiva porque dão emprego e oportunidade aos trabalhadores e não são reconhecidos por essa ajuda.

Para Damião, a relação entre fazendeiros e trabalhadores deve ser de uma consideração mútua: os primeiros devem ajudar os trabalhadores empregando-os, ao invés de usarem máquinas, e estes não devem colocar os patrões na

justiça. “Tem uns que estão ganhando 50 reais, mas querem ganhar 100. Eu sou contra isso daí”, declarou Damião.

Para manter uma boa relação com gatos, fazendeiros e garantir uma vaga como safrista em alguma fazenda, é preciso construir uma reputação de bom trabalhador, de apanhador rápido e eficiente. Como no café se ganha por produção, e os empreiteiros ganham porcentagens em cima dos trabalhadores, sua preferência é sempre pelos melhores colhedores. Os trabalhadores lentos e que colhem poucas sacas por dia são conhecidos como “aranha”. “Perder” é o termo utilizado para ter prejuízo, não conseguir ganhar dinheiro suficiente.

Os trabalhadores consideravam o trabalho na colheita de café bastante penoso. Conforme relatado por André, muitos decidem trabalhar nos cafezais porque pensam que este trabalho é simples. Nesta noite no abrigo, ele apontou para um dos trabalhadores presentes e afirmou que ele nunca havia visto um pé de café. Patrício acrescentou que o mesmo se passa com a colheita de algodão, que “se ficar olhando, não pesa na balança”. Igor que também participava dessa conversa, contou que, quando era apanhador de café, colhia 120 sacas de café e ganhava 400 reais por dia, e que ele e sua mulher construíram uma casa com o dinheiro que ganharam nos cafezais.

Além de ser um bom colhedor, não beber, não brigar e nem “bagunçar”, é necessário trabalhar “bem, limpo e honesto”, para não sofrer uma fiscalização intensa do gato na lavoura.

Os trabalhadores que roubam sacas de café dos outros também acabam tornando-se conhecidos e vigiados. De acordo com Aluísio, “qualidade é importante”. Patrício contou que um trabalhador fez um “trabalho porco” em outra cidade, e em Esmeralda, um fazendeiro não quis contratá-lo porque ficou sabendo da história. Aqueles que já trabalharam na cidade e se envolveram em brigas, furtos ou em crimes mais graves, ou têm processos na justiça contra os empregadores, têm dificuldades para empregar-se novamente, em virtude da circulação destas informações sobre a reputação dos trabalhadores entre empreiteiros e fazendeiros.

Outros trabalhos sobre a situação de trabalhadores migrantes (SILVA, 1999; STOLCKE, 1986, MENEZES, 2002) indicam a preferência dos fazendeiros em contratar trabalhadores de outras regiões. Estes são considerados mais suscetíveis às táticas políticas do controle do trabalho pela sua permanência nos alojamentos, e mais dóceis, pela situação ainda mais vulnerável do que a dos trabalhadores nativos, por estarem distantes de sua terra, de sua família e de sua casa.

Todas as grandes fazendas de Esmeralda tinham um escritório, onde se faz a contratação formal dos trabalhadores, localizado quase sempre no centro da

cidade. É no escritório que as informações sobre os empregados das fazendas são organizadas e controladas. É neste lugar que os trabalhadores são registrados, onde são guardadas suas fichas, sua documentação, e onde fica o Departamento de Pessoal. É no escritório que os trabalhadores são admitidos e dispensados formalmente. Como já sublinhou Silva (1999), o escritório foi criado para melhorar a gerência da força de trabalho.

Conhecer a reputação do mau e do bom trabalhador, tarefa e ferramenta do gato, é outra etapa do controle efetivo do processo do trabalho. Ser o fomentador da má reputação do trabalhador ruim – aquele que processa o patrão, é lento no trabalho, é alcoólatra e desordeiro – é também uma tática de controle, nos termos de Goffman (1988).

É nesse contexto que se pode entender a função de José Reinaldo e sua sala panóptica do Centro de Triagem do Migrante, na rodoviária. José Reinaldo é o funcionário encarregado de fazer o controle social formal das pessoas de má reputação na rodoviária: os vagabundos, os bêbados, os potencialmente criminosos; em suma, os trabalhadores “de fora”.

O alojamento, assim como o abrigo construído pelo sindicato, também requer uma disciplina interna. Em ambos há uma autoridade para gerenciar o espaço, que se reserva o direito de punir com a expulsão todo aquele que transgride as normas⁴. No alojamento, esta figura é o gato; no abrigo, esta tarefa é cumprida por Igor.

Alcoolismo e violência entre os trabalhadores

A ingestão de bebidas alcoólicas e de cachaça, em especial, era hábito comum entre esses trabalhadores. Porém, o consumo de álcool em excesso propiciava uma fama ruim, prejudicava a reputação. Os que bebiam demais, não raro eram objeto de piadas e gozações. Por outro lado, ninguém gostava de ser alvo dessas brincadeiras, que nunca eram consideradas apenas brincadeiras. Ser chamado de bêbado ou ouvir insinuações sobre ter o vício de beber ou de ter bebido era quase sempre uma grave ofensa moral.

Durante o período em que frequentei o abrigo, Manoel, André, Roberto e outros trabalhadores confessaram-me que haviam bebido ou haviam sentido vontade de beber, por causa das dificuldades que estavam enfrentando, embora não tivessem esse hábito. Os trabalhadores alcoolizados também ficavam mais vulneráveis a agressões e assaltos, como a história de Sérgio, contada no início deste capítulo.

Em um dia no qual eu passava pela rodoviária, Manoel me chamou para contar que havia conseguido um emprego. Segundo o baiano, 16 homens haviam se candidatado a esse trabalho, mas somente cinco foram contratados. A razão para a dispensa teria sido o fato de que muitos haviam bebido e estariam com “bafo de

cachaça”. Manoel criticou os trabalhadores que ficam bebendo nos bares da rodoviária. Se as dificuldades para conseguir um emprego já são muitas, se agravam ainda mais nestas circunstâncias.

Manoel mostrou-me a solicitação do fazendeiro para que os trabalhadores empregados fizessem alguns exames médicos no hospital público de Esmeralda antes de iniciarem o trabalho. Eles ganhariam cinco reais por saca de café e o preço da marmitta nesta fazenda era três reais por dia. Esta safra duraria sete meses. Aquela seria a última noite de Manoel no abrigo, pois no dia seguinte ele iria para a fazenda trabalhar. Outros dois senhores baianos que estavam no abrigo na noite anterior também haviam conseguido este emprego.

Em uma noite no abrigo, Igor pediu que eu entrevistasse um homem que havia acabado de chegar e estava muito alcoolizado. Os outros trabalhadores que participavam da conversa começaram a rir e a gozá-lo pelo fato de ele estar bêbado. Manoel perguntou se ele bebia por desgosto, ao passo que ele respondeu que bebia por causa de uma “incompatibilidade no conjugue” (problemas em seu casamento). Esse trabalhador havia passado por Brasília, Luziânia, Paracatu e Cristalina antes de ir a Esmeralda. Manoel sugeriu-lhe que ele substituísse a cachaça por um refrigerante, argumentando que ele podia até beber, mas era preciso um limite. Igor apoiou esta idéia acrescentando que “bebida nunca resolveu problema de ninguém”.

Em uma noite, André chegou quando eu conversava com Roberto e falou em tom de brincadeira: “Não conversa com esse cara aí não que ele bebeu muito hoje”. Roberto não gostou da piada: “E você está sadio, é?”. Momentos depois, André afirmou que Damião havia sido preso por ter bebido demais e se envolvido em uma grande briga em um bar.

Uma observação corrente feita pelos próprios trabalhadores era que muitos diziam não ter dinheiro para alimentar-se, mas tinham para beber. Eduardo, entre outros, criticava os que bebiam, argumentando que eles gastavam um real e 50 centavos em uma dose de cachaça.

O fato de os trabalhadores chegarem alcoolizados ao abrigo incomodava muito a Igor. Quando aqueles que haviam bebido estavam muito agitados ou se negavam a cumprir as “normas” do local, o zelador os ameaçava dizendo que não os hospedaria mais.

Presenciei uma dessas cenas com dois trabalhadores sergipanos. Eles eram caminhoneiros e haviam viajado por São Paulo e pelo Rio de Janeiro. Um deles, que estava completamente alcoolizado e falava muitos palavrões, reclamou muito quando Igor revistou sua bolsa de viagem. O zelador irritou-se e disse que se ele aparecesse bêbado

novamente, não o deixaria mais ficar no abrigo. Igor também não permitiu que ele jantasse, dizendo que como ele havia bebido muito, a comida o faria vomitar no quarto, e o mandou ir dormir. Na noite seguinte, este sergipano apareceu alcoolizado de novo e Igor não o deixou entrar. O trabalhador começou a gritar palavrões e a chutar o portão de ferro do abrigo. Ele só parou quando o zelador ameaçou chamar a polícia.

As reclamações em relação à Fazenda Santo Antonio também envolviam a questão do consumo desenfreado da cachaça vendida pelo próprio gato. O comportamento violento era quase sempre associado aos excessos na bebida, que provocava brigas entre os trabalhadores. Eram comuns também relatos de que, nesta fazenda, os trabalhadores costumavam andar armados com facões.

Fernando, um paranaense alojado no abrigo, perguntou a um dos trabalhadores que havia estado na Fazenda Santo Antonio se lá havia muitos paraibanos, dos quais ele não gosta porque os julga muito violentos. “Eles estão sempre armados com um facão na cintura”, afirmou. Por essa razão, Fernando queria voltar para o Paraná: “Entre os paranaenses não tem nada disso”. Em uma época em que trabalhava no Mato Grosso, este trabalhador viu um paraibano “rasgar de cima a baixo” o rosto de uma moça com um facão.

Fernando tem 25 anos, é solteiro e não tem filhos. Este jovem trabalhador havia saído de casa há três anos e meio e viajou por todo o centro-sul trabalhando em diversas lavouras, como cana e laranja. Somente no dia em que o conheci, ele havia decidido dar notícias a sua família.

Ainda outros dois episódios sobre brigas e facadas me foram narrados pelos trabalhadores no abrigo. Um paraibano contou-me sobre uma briga na qual se envolveu em um bar na Paraíba, com um sujeito que, sem motivo, “cismou” com ele e o esfaqueou. De acordo com o relato desse trabalhador, ele havia sido chamado de “veado”, o que não podia permitir. Após o término da história, ele levantou a blusa e mostrou-me as cicatrizes das facadas no abdômen. Eram duas, uma enorme e outra um pouco menor. A partir de então, ele passou a andar com uma faca para se defender.

José Luís, da Bahia, estava em um bar em Goiás, quando um sujeito começou a provocá-lo e a chamá-lo de “veado”. Eles brigaram e o baiano esfaqueou o outro. José Luís ficou preso por oito meses, o que achou muito injusto, pois o homem esfaqueado não teve nenhum ferimento grave e ficou no hospital apenas por dois dias. José Luís tem aproximadamente 40 anos, é “sozinho no mundo” e não possui residência fixa.

Além das brigas e facadas, os trabalhadores também estavam sujeitos a outro tipo de violência física: os acidentes de trabalho causados pela ausência do equipamento de proteção ou por este ser inadequado.

Jairo tem 46 anos, é do interior de Santa Catarina e tem uma filha de quatro anos que vive com sua mãe, pois sua mulher morreu no parto. Atualmente, ele não sabe onde elas moram, pois sua mãe mudou-se com a neta e não lhe comunicou o novo endereço. Embora não veja a filha há um tempo, Jairo afirmou fazer uma poupança para a menina, para que “ela não pense que o pai esqueceu dela”. Jairo e um primo que viajava com ele trabalharam em uma carvoaria no Mato Grosso do Sul, fechada por problemas legais, deixando-os desempregados. Quando estavam trabalhando, sem carteira assinada, uma motosserra dilacerou parte da mão esquerda de Jairo, que não usava qualquer proteção. Ele foi levado para o hospital, mas não quis operar. O médico tentou persuadi-lo, explicando-lhe que se não se submetesse a uma cirurgia, ele poderia ter sua mão amputada, mas mesmo assim ele não quis. Na época em que o conheci, sua mão estava bastante inchada. Os pontos estavam arrebitando e o corte grande e profundo parecia estar inflamado. Ele havia perdido os movimentos do dedo mínimo e do anelar.

Após o acidente, seu patrão o procurou e pediu que ele não dissesse no hospital como havia se machucado, pois posteriormente ele o indenizaria. Jairo inventou que havia levado uma facada em uma briga e nunca recebeu qualquer indenização.

Jairo também trabalhou em São Paulo, onde tem alguns primos. Este trabalhador de Santa Catarina passou um tempo em um presídio, mas não contou o motivo pelo qual foi preso. O catarinense e seu primo após serem demitidos da carvoaria, foram procurar trabalho em Itumbiara, no estado de Goiás. Foram assaltados na rodoviária daquela cidade e ficaram sem documentos, roupas e dinheiro. Pediram carona na estrada e caminharam até chegar a Uberlândia, onde fizeram o boletim de ocorrência.

Desta minha conversa com Jairo, participaram Ramiro e Leonardo, do norte de Minas Gerais. Leonardo tem 24 anos, casou-se há um ano e só ligaria para sua esposa, uma jovem de 17 anos, após seis meses. Ele havia saído de sua cidade há dois meses e só pretendia voltar em meados de 2009. O casal possui sua própria casa, mas enquanto Leonardo estiver fora, sua mulher morará com a irmã dele, para não ficar sozinha.

Jairo nos pediu conselhos sobre o que deveria fazer com sua vida. Ele não estava conseguindo trabalhar com a mão machucada e queria aposentar-se por invalidez. Os outros trabalhadores diziam-no para voltar ao Mato Grosso e processar seu ex-patrão. Ramiro também sugeriu que sem a carteira do trabalho, Jairo não conseguiria empregar-se em Esmeralda. Neste momento, houve certa tensão, pois Ramiro falou que nunca perdeu seus documentos, e que isto só acontece com quem bebe. Jairo, de forma mais exaltada, enfatizou que não havia “perdido” suas coisas, e sim que havia

sido roubado, e mostrou-nos o boletim de ocorrência. Ele também perguntou se eu poderia arrumar-lhe um emprego e expliquei que não tinha como ajudar.

Além de Jairo, outros trabalhadores falaram sobre a falta do material de proteção adequado que deveria ser fornecido pelos empregadores. Um dos incômodos de Manoel em relação ao trabalho nas lavouras era causado pelo seu “pânico de cobras”, como descreveu. Ele disse que os cafezais de Esmeralda são cheios de cobra. Alguns trabalhadores confirmaram que já haviam encontrado muitas cascavéis nas lavouras de café. Manoel perguntou a Eduardo, que até então apenas ouvia a conversa, quantas cobras ele havia encontrado após todos esses anos de trabalho no café. O senhor paranaense respondeu que em sua vida matou apenas duas cascavéis, e que hoje não há mais cobras nas lavouras, em função da enorme quantidade de agrotóxico utilizada. Ramiro também falou sobre as sucuris que encontrou nos canaviais.

Conforme a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), o trabalho em locais onde há animais rasteiros e peçonhentos exige luvas e botas próprias ao trabalho. Nos cafezais de Esmeralda, os trabalhadores usam luvas de lã, ao invés de luva de borracha. Segundo André, após um dia de trabalho, as mãos ficam muito feridas, levando quinze dias para cicatrizar. Ao dizer isso, ele e os outros trabalhadores me mostraram os calos e machucados das suas mãos.

Em vez de tênis ou botas de borracha, Manoel afirmou que eles deveriam usar uma bota de couro com bico de ferro. Ele mostrou-me o sapato que usa para trabalhar, e disse que se usasse facão, facilmente se machucaria. Ele também reclamou do fato de não receberem óculos protetores, para evitar que galhos ou pequenos ciscos arranhem seus olhos durante o trabalho.

Ao pedir demissão da Fazenda Santo Antonio, Manoel havia recebido um cheque pré-datado para quinze dias. Com o dinheiro comprou um sapato para trabalhar, para não ter de usar chinelos.

Igor, que observava a conversa, interrompeu para dizer que, por outro lado, existem muitos trabalhadores que se negam a usar o equipamento de proteção.

Na opinião de Roberto, “a prioridade para o trabalhador rural é o EPI”. Ele também contou que os trabalhadores dos canaviais recebem luva, caneleira, óculos e a botina com chapa de aço para proteger da batida do facão.

A comparação com o trabalho na cana era uma constante entre os trabalhadores. Ora eles diziam que era melhor trabalhar nos canaviais, pois os trabalhadores eram mais valorizados, ganhavam melhor e recebiam todo o EPI sem ter de pagar por ele, ora eles diziam que o trabalho era pior, mais desgastante fisicamente.

Mauro também considerava este trabalho mais pesado. Para Viriato, o corte da cana “tem valor, é valoroso”. O trabalho “valoroso” é aquele em que o trabalhador tem todos seus direitos respeitados e é bem remunerado.

Apesar dessas ponderações de que o trabalho na cana é mais “valoroso” do que no café, acredito que esta avaliação se dá em virtude das circunstâncias difíceis pelas quais esses trabalhadores passavam quando os conheci, longe da família, sem trabalho e sem dinheiro, expostos à violência e à fome. Os estudos como os de Stolcke (1986), Menezes (2002) e Novaes (2007) sobre as condições de vida e trabalho dos cortadores de cana têm apontado para a direção inversa. A situação destes trabalhadores nos canaviais é tão ou mais perversa do que a encontrada nos cafezais de Esmeralda.

Mauro e Viriato se preocupavam muito com a aposentadoria. Eles lamentavam que o “governo” estendesse cada vez mais o tempo de trabalho necessário para conseguir a aposentadoria, e acrescentaram que quando chega o momento de o trabalhador se aposentar, ele já está para morrer. Viriato acha que, sobretudo as mulheres deviam aposentar-se com menos tempo do que o exigido atualmente, pois considera que são mais “sofridas”, pois fazem o serviço doméstico e cuidam dos filhos. Ele disse que embora o homem trabalhe mais “pesado”, ele também é mais “protegido”.

Na cana também se ganha por produção, como no café. Roberto acrescentou que nas plantações de cana também é preciso ser eficiente. Segundo este baiano, muitos trabalhadores pedem aos colegas para cortar o que falta em troca de alguns metros de cana ao final da colheita. Ele falou sobre os “fraquinhos” que não agüentam o trabalho.

Outra queixa constante dos trabalhadores era em relação ao crescente uso das máquinas na produção agrícola. Embora entendessem que a mecanização inclui as diversas fases do processo produtivo, era mais comum que atribuíssem às colhedei-ras a diminuição da contratação da mão de obra.

Patrício mencionou que nas plantações de cana e mandioca os fazendeiros também estão substituindo os trabalhadores por máquinas. Conforme o mesmo, apenas as colhedei-ras de laranja não funcionaram bem. Manoel brincou que já devem estar aperfeiçoando esta máquina para colocá-la em uso.

De acordo com Roberto, a colhedeira de cana trabalha por 80 homens, contando das sete horas da manhã até às quatro horas da tarde. No entanto, muitas funcionam durante 24 horas, e apenas mudam de operador. Como as máquinas são alugadas por diária, os fazendeiros têm pressa em terminar a colheita, o que costuma acontecer em três dias. “A bicha é rápida demais”, comentou André. Este trabalhador contou que quando a colhedeira passa em uma rua de café de 500 metros, restam no máximo 15 ou 12 sacos de café para serem colhidos.

Após algum tempo frequentando o abrigo, ficou nítido o papel que eu assumia para os trabalhadores. Se a princípio eles haviam me identificado como assistente social da prefeitura ou funcionária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o que provocou alguma desconfiança, não demorou para que descobrissem que eu era uma pesquisadora do Rio de Janeiro interessada em lhes ouvir, o que definiu os termos da nossa relação. De pessoa suspeita passei a “amiga” com quem podiam desabafar sobre as dificuldades encontradas em conseguir trabalho e sobre a tristeza que sentiam por estarem longe da família.

Uma das questões mais evidentes nesses momentos de desabafo era a tensa relação desses trabalhadores com os gatos, representantes do sindicato, com a polícia e com o funcionário da prefeitura, José Reinaldo. Eu ouvia queixas diárias sobre a violência com que os trabalhadores eram tratados pela polícia e do descaso do sindicato. Essa relação delicada com os órgãos e agentes institucionais, e com os “representantes” do fazendeiro – era como os gatos eram vistos-, fica nítida em inúmeras situações, como na ida de Ramiro e seus colegas ao sindicato para pedir ajuda e na forma como eram abordados por policiais e por José Reinaldo na rodoviária.

Havia uma etiqueta de convivência entre os trabalhadores que circulavam pelo abrigo. Nesse contexto de grande estigmatização e precariedade, normas de comportamento precisavam ser respeitadas. O consumo de álcool em excesso, por exemplo, era sempre reprovável, assim como o desperdício de dinheiro com prostitutas ou relacionamentos extraconjugais. Ser moralmente correto significava enviar o dinheiro para a mulher e os filhos.

As mudanças de cidade entre os homens do abrigo não se faziam na companhia de familiares e raramente na de amigos. Os deslocamentos eram quase sempre solitários ou com conhecidos.

Esses homens possuem uma vasta experiência de deslocamentos em busca de trabalho, bem como uma inserção bastante diversificada no que se refere aos tipos de ocupação. Há uma espécie de cálculo em relação ao melhor momento de sair de um lugar e ir para o outro, que considera onde estão as melhores oportunidades de ganhar dinheiro, o clima, a distância de um lugar a outro, o transporte necessário, ou o quanto será preciso gastar para se deslocar, a combinação entre o término da safra de um cultivo, e o início de outra, quanto tempo será preciso ficar longe da família. Esse conhecimento sobre onde está se pagando melhor ou quais lugares são mais difíceis de conseguir trabalho é adquirido através da experiência própria e da troca das informações entre eles.

Há uma interface entre essas práticas de deslocamento em busca de trabalho e os arranjos matrimoniais e familiares. Esses arranjos resultam da escolha e da disposição desses trabalhadores a se distanciarem de suas famílias, de forma temporária ou permanente. É notável o grande número de casamentos desfeitos.

Um último aspecto a ser destacado é a ambigüidade que viviam entre ter clareza sobre os problemas e as limitações de cada trabalho – na cana, no café, no milho – e a “ilusão” de que esses mesmos ofícios poderiam tornar-se meios de ascensão e reconhecimento.

Referências

GOFFMAN, E. Estigma. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

MENEZES, M. A. de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes*. Um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, João Pessoa: EDUFPA, 2002.

NOVAES, J. R. *Idas e vindas: disparidades e conexões regionais*. In: ALVES, F; NOVAES, J. R. *Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

SAYAD, A. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SCOTT, J. *Everyday forms of peasant resistance*. *The Journal of Peasant Studies*. v.13. p. 5-35, January, 1986.

SILVA, M. A. M. *Errantes de fim do século*. São Paulo: UNESP, 1999.

STOLCKE, V. *Cafecultura*. Homens, mulheres e capital (1850-1980). São Paulo: Brasiliense, 1986.

Notas

- 1 Mestre em Ciências Sociais e Desenvolvimento Agrícola. Pesquisa realizada com apoio do CNPq e Fundação Ford.
- 2 Por diversas vezes os trabalhadores usaram essa expressão para referirem-se à péssima qualidade da comida fornecida pelas fazendas.
- 3 Menezes (2002) registra casos de casamentos entre os trabalhadores migrantes e as mulheres da região canavieira de Pernambuco na qual pesquisou, embora também seja mais comum relacionamentos casuais sem envolvimento sério entre esses trabalhadores.
- 4 Aqui me pareceu possível um paralelo com o contexto trabalhado por Sayad (1998).

Submetido em março de 2011, aceito em junho de 2011.